

# SÍTIO SIMBÓLICO DE PERTENCIMENTO

**Josué Euclides Hetinguer**

(Empreendedor – Economista Doméstico)

Saí de Itapocorói com a cabeça fervilhando e rodei pouco mais de 20 km. até Barra Velha em direção ao Sol. Sabia que meu 1º dia de viagem tinha sido um fiasco em distância percorrida, mas um sucesso em matéria de alumbramento almatíco. Não sei porque, na hora, quebrou-me o estado de euforia a lembrança de meu pai. *Talhado-para-o-nazi*, como eu, desde cedo aprendi que ele era um verdadeiro distribuidor de renda sem ter renda. Distribuí renda para os donos da luz, da água, da polícia, da prefeitura, do açougue, da padaria, do bar, do mercado, do banco, do imposto e ainda distribuí renda pro encanador, pro pintor, pro pedreiro e pro técnico de televisão. Só não distribuí renda pra mim, minha mãe e meus irmãos. (nem sei porque estou falando isso) .... Era um fim-de-tarde agradável e procurei uma hospedagem simples próximo à praia. Em Itajuba, num lugar meio escondido, vi uma casa com uma placa quase invisível *Hospedagem*. Atendeu-me um rapaz de uns 20 anos. Era a casa onde ele morava com os pais e no quintal dos fundos da casa tinha três pequenas construções, um pouco bastante maior que casinha de cachorro. O quintal tinha uma grande aroeira (ele me disse), com um banquinho. Simpatizei na hora e vi que a casinha tinha um banheirinho, uma cama com lençol bem limpo, a diária era uma bagatela e só tinha eu de hóspede. Mauro (acho que era esse o nome do rapaz), assim que lhe paguei adiantado abriu um sorriso e me ofereceu um café. Lembrei de Maria Laura e resolvi “entrevistá-lo”. Falou-me de seus estudos, de seu pai feirante, de sua mãe empregada doméstica na casa de um ricoço na Praia do Grant e do dinheirinho extra que eles ganhavam com a hospedagem “pirata”. Conte-lhe um pouco de minha viagem e quando ele saiu, com uma iluminação oscilante entre a escassez e a penúria, peguei meu livro *Globalização e Diversidade Cultural*, de Hassan Zaoual. Mas antes de falar do livro, lembro de uma entrevista em que o professor e pesquisador marroquino-francês de economia disse coisas interessantes... *A Universidade por si só não é suficiente para fazer a pesquisa avançar. ... A própria ciência econômica é um modelo deste grande obstáculo epistemológico. Seu ultra-reducionismo empobreceu nosso conhecimento do homem real. ... O desenvolvimento se metamorfoseia em endividamento e empobrecimento, nos meios em questão, uma vez que a ciência econômica não leva em consideração o contexto das populações envolvidas, para melhor ajustar suas hipóteses, seus conceitos e por fim, seus modelos. Ela se pretende uniforme em seus raciocínios. Conhecemos as consequências.*

*Ela censura todas as dimensões que, clandestinamente, participaram da emergência do capitalismo no Ocidente.* Eu que sequer sabia o que iria encontrar na Economia Doméstica começava a ficar com mirabolantes ideias em minha cabeça ridícula e óbvia. Relembrando minha viagem ao Sol, há quase 15 anos, motivado a contá-la pela Coluna Opinião, hoje, com a certa bagagem que trago da faculdade e de minha prática profissional sempre baseada em muita leitura, acho que confundo coisas na minha linha do tempo. Por exemplo, ler aquele livrinho à sombra da Aroeira em Barra Velha me leva à sombra da mangueira de Paulo Freire. Só que na época eu nem conhecia o sábio educador. Não sei se essas contações de coisas assim misturadas são o que os historiadores chamam de anacronismo. Mas essa dúvida pra mim não tem qualquer importância. .... O *sítio simbólico de pertencimento*, conceito desenvolvido por Hassan Zaoual, a rigor não é uma invenção. É uma teoria socioeconômica sistematizada que retrata coisas que aconteceram desde que existe a humanidade. Hoje, com a tirania da economia liberal espalhada pelo planeta, o que o sociólogo-filósofo fez foi trazer à baila um modelo de economia situada (nos sítios), em que as pessoas sem capacidade de provisão propiciada pelo Estado exercem uma espécie de contrahegemonia à própria economia burguesa que lhes exalta e estimula. É uma espécie de liberalismo situado para enfrentar o neoliberalismo totalitário. Claro que já estou dando meus próprios pitacos nessa embrulhada teórica. Eu poderia dizer que, como empreendedor individual, sou um rebelde intuitivo contra a necropolítica neoliberal. Também posso dizer que se o Estado não me salva, não deixo que a economia burguesa me mate. Os sítios simbólicos de pertencimento (vou chamar de SSB) são espaços (posso chamar de comunidades, favelas, quilombos, mesmo tribos ou grupos) em que são cultuadas, mantidas ou mesmo construídas relações identitárias e de pertencimento, tanto ao espaço quanto ao grupo em si. As relações vivenciadas têm como marca simbólica a preservação de uma cultura que se autorreproduz e se autorredefine. É patente o surgimento de uma identidade coletiva e individual. Gosto da sistematização de Zaoual porque ele ancora o movimento de ressignificação e construção de laços em contraposição à globalização, com as suas nuances especialmente fragmentação de identidades e deslocamento de populações de seus contextos originários. E a economia clássica hegemônica neoliberal, burguesa, inquilina permanente dos Estados capitalistas, que nos arrasta para um quase-provérbio *é a economia, estúpido*, é profundamente questionada nos SSB. Zaoual não disse, mas nos faz pensar que o microempreendedorismo, o capitalismo de si mesmo, como a esquerda gosta de rotular, na verdade está nos gritando: *é a sobrevivência, estúpido*. .... Quase fiquei naquela casinha simpática de cachorrão mais 1 ou 2 dias, mas a rota do Sol me esperava. Saí das estradinhas litorâneas periféricas e enfrentei a BR 101 pra valer. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.